

Do design **universal** ao design *pluriversal*

Frederick van Amstel @usabilidoido
Laboratorio de Design contra Opressões (LADO)
Programa de Pós-Graduação em Design Prospectivo
UTFPR

O *design* se constituiu
enquanto uma prática
profissional e acadêmica de
popularização da ética e da
estética *modernas*.

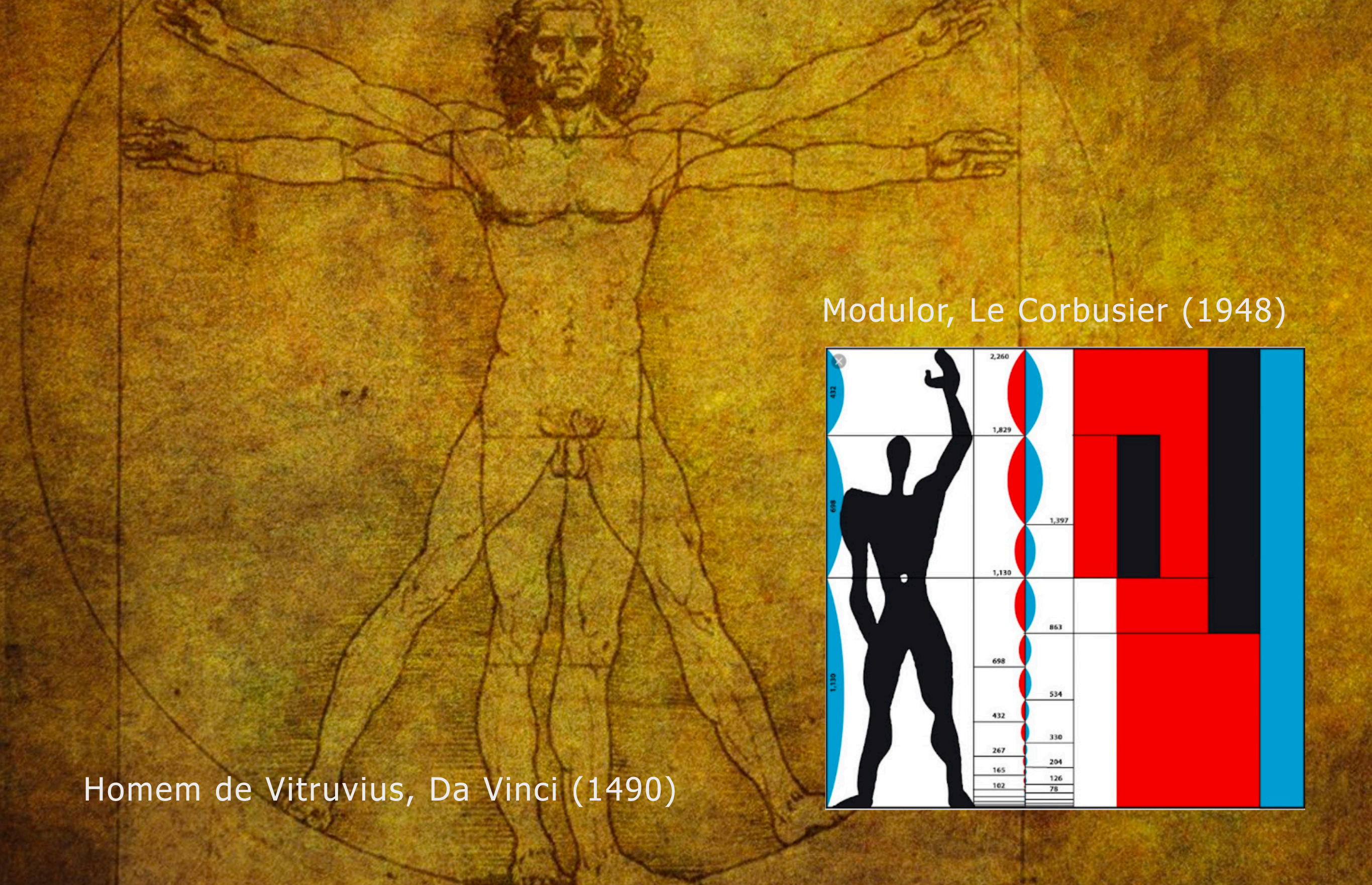


O acesso universal ao design de alta qualidade é um dos princípios éticos do design modernista.

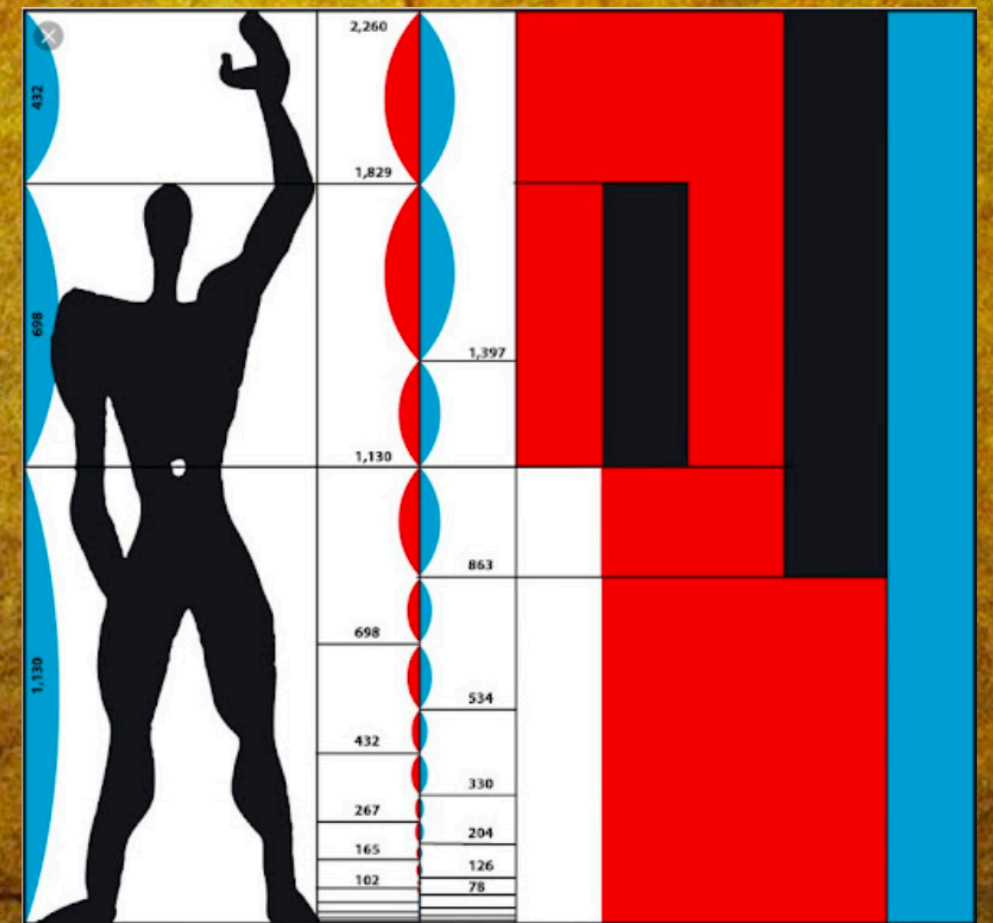


A estética moderna se deve, em parte, à necessidade de adequar o design à produção em massa.

O outro lado da *modernidade*,
muitas vezes ignorado ou
escondido pelo design moderno,
é a *colonialidade*.



Modulor, Le Corbusier (1948)



Homem de Vitruvius, Da Vinci (1490)

A colonialidade se baseia na exclusão sistemática de corpos desviantes do ideal moderno de ser humano.

*O design moderno prioriza as
medidas antropométricas,
capacidades e gostos do homem
cis, europeu, branco, hétero e
sem deficiências.*

*Este homem ideal é, na verdade,
a imagem de um homem real
que possui o privilégio de
projetar seu próprio mundo
garantido pela colonização
patriarcal de outros mundos.*



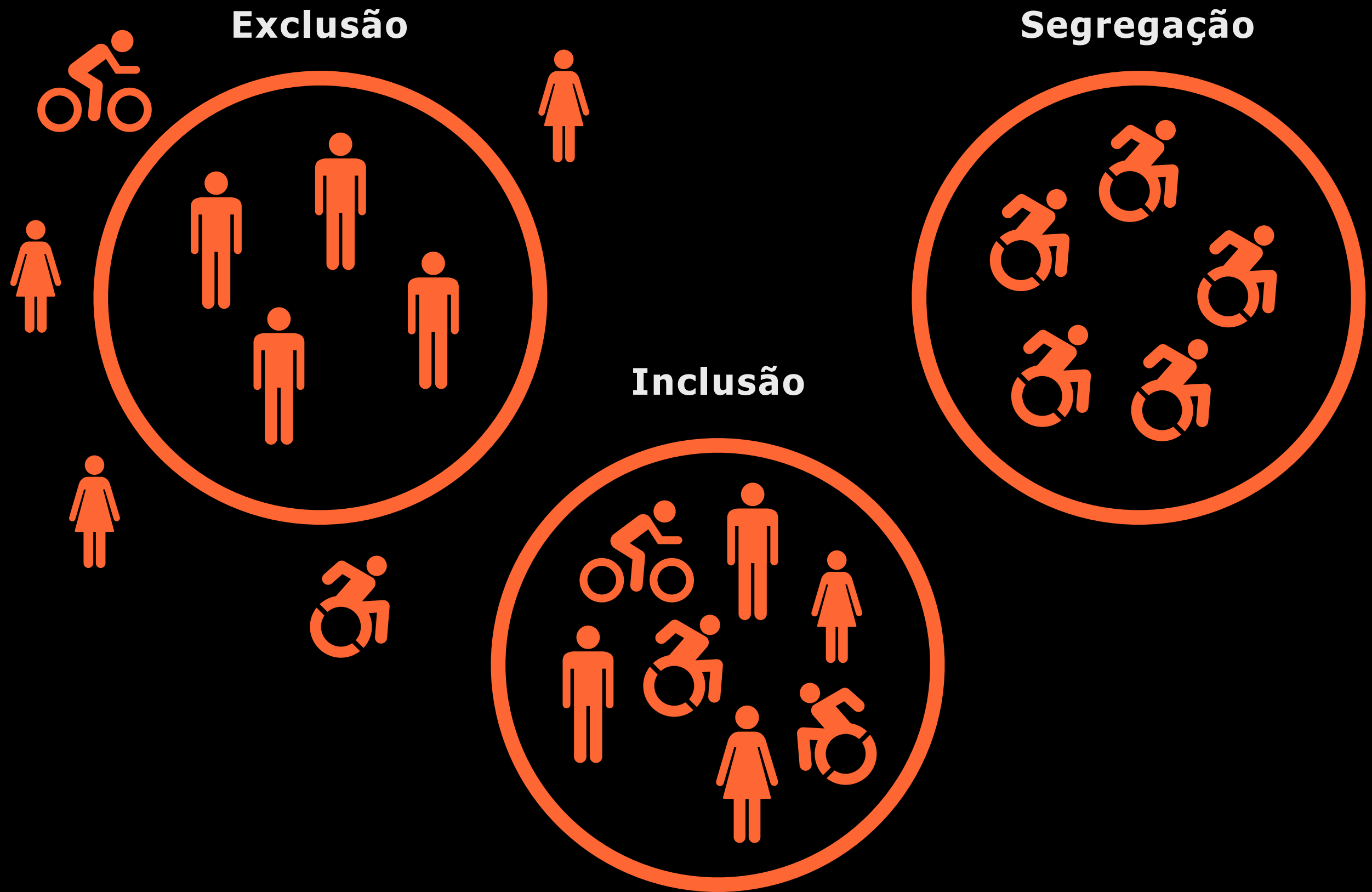
Devido a tal privilégio, mulheres cis e homens trans têm mais chance de se machucar em acidentes com carros.



Pessoas com deficiência, mesmo que sejam homens brancos, não conseguem ter acesso a certos locais.



Pessoas negras são obrigadas a fazer suas casas em terrenos de encostas e nas margens de rios.



O privilégio continua existindo mesmo quando se criam espaços segregados para os desviantes da norma colonial.

*Design Universal é uma
vertente do design moderno
que inclui corpos diferentes da
norma colonial em um mesmo
mundo.*

20 Years
of Design
for All

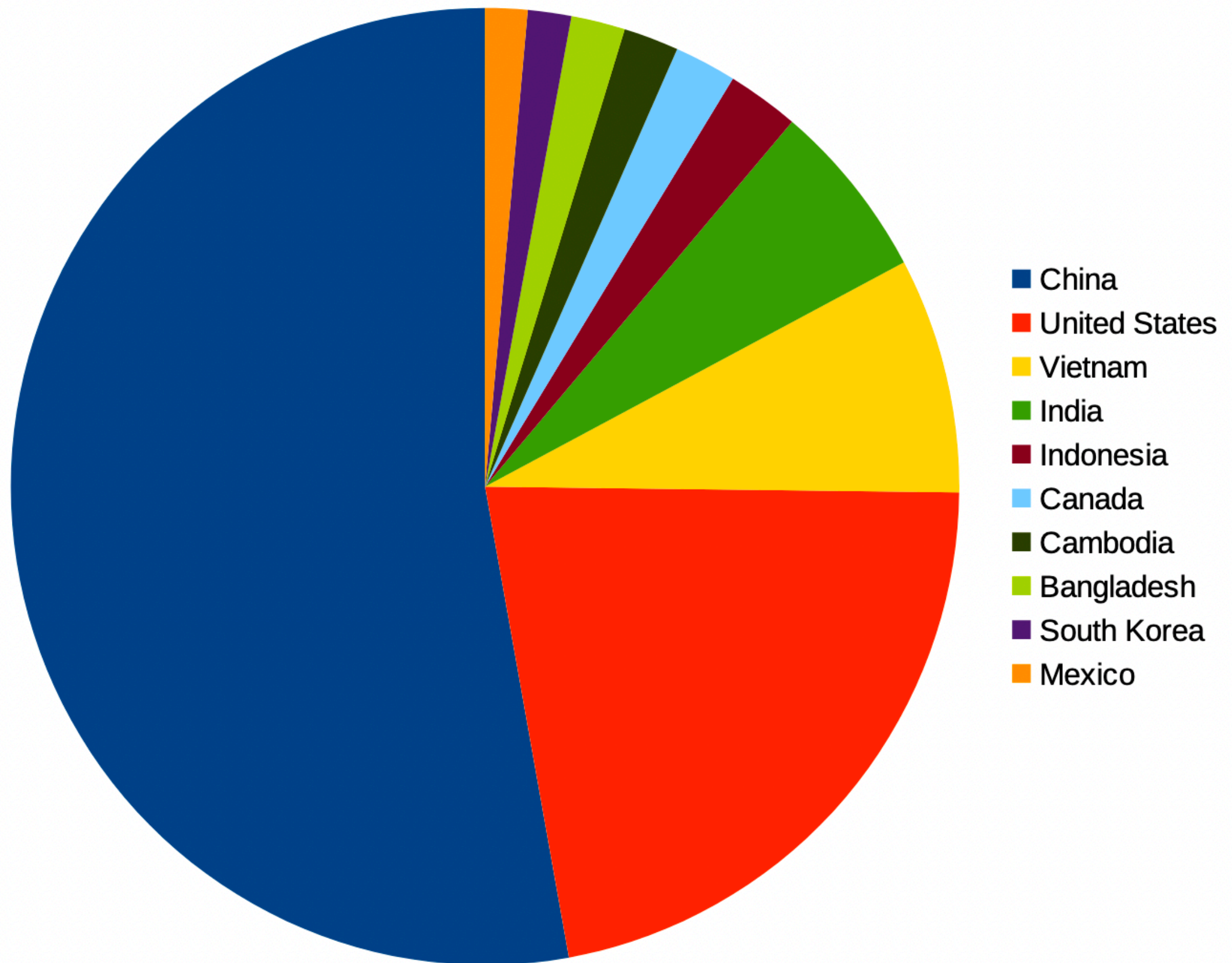


Anniversary Collection
Drops September 14



A Target oferece um design universal para todos os
gêneros, raças, classes e formas de corpo.

O design universal inclui corpos historicamente marginalizados na modernidade, porém, ao fazer isso, também inclui outros corpos na colonialidade.



A maioria das fábricas que alimentam a Target está localizada em territórios que foram colonizados no passado.



A China fabrica até o material de campanha de Trump, um presidente que estimula o racismo e a sinofobia.



A China e os chineses sofrem os efeitos da colonialidade do fazer, porém, anseiam pela sua inclusão na modernidade.

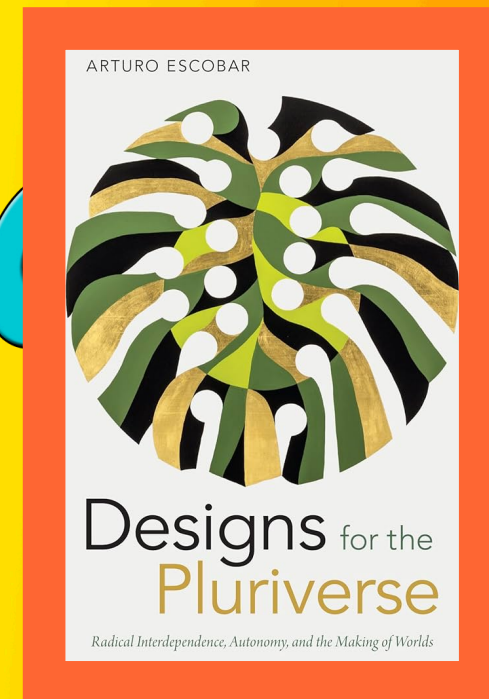


Para entrar na modernidade, a China tem explorado a colonialidade do fazer no Brasil e em outros países.

O problema principal da
modernidade não é a exclusão de
corpos marginais, mas, sim, a
precarização e destruição de
mundos.

*Quando o design se opõe à
destruição de mundos, eis que surge
o design pluriversal.*

GRUPO MODERNIDAD/COLONIALIDAD



O conceito de design pluriversal foi proposto por Arturo Escobar, um dos pesquisadores do Grupo Modernidade/Colonialidade.

*Em vez de incluir os
excluídos do mundo moderno,
o design pluriversal visa
construir um mundo em que
caibam vários mundos.*



Este conceito de pluriverso foi inspirado nos guerrilheiros zapatistas do México que lutam contra o neoliberalismo.

*O design pluriversal encoraja
que cada comunidade faça o
design de si mesma,
autonomamente, a partir de
seu território, ecologia e
ancestralidade.*



A agricultura quilombola é um exemplo de design pluriversal, pois recupera terras arrasadas.



O artesanato indígena é um exemplo de design pluriversal, pois conscientiza brancos da existência de outros mundos.



A gambiarra é um exemplo de design pluriversal, pois reaproveita materiais rejeitados por um mundo em outro.



O design vernacular é um exemplo de design pluriversal, pois permite que cada mundo se expresse por si próprio.

O *design pluriversal* não é o
contrário do *design universal*,
mas sim a possibilidade de que
todos os designs, não só os
modernos, possam também se
universalizar.

*Vejamos um exemplo de
design pluriversal na prática:
o ateliê $M \times D$ na
Universidade da Flórida.*



O ateliê MxD foi criado em 2019 para suportar o codesign multidisciplinar em pesquisas de mestrado.



Na medida em que imigrantes do Sul Global se tornaram a maioria neste espaço, ele se tornou multicultural (2023).



Apesar de incluídos na modernidade estadunidense, a colonialidade ainda estava presente no multiculturalismo.



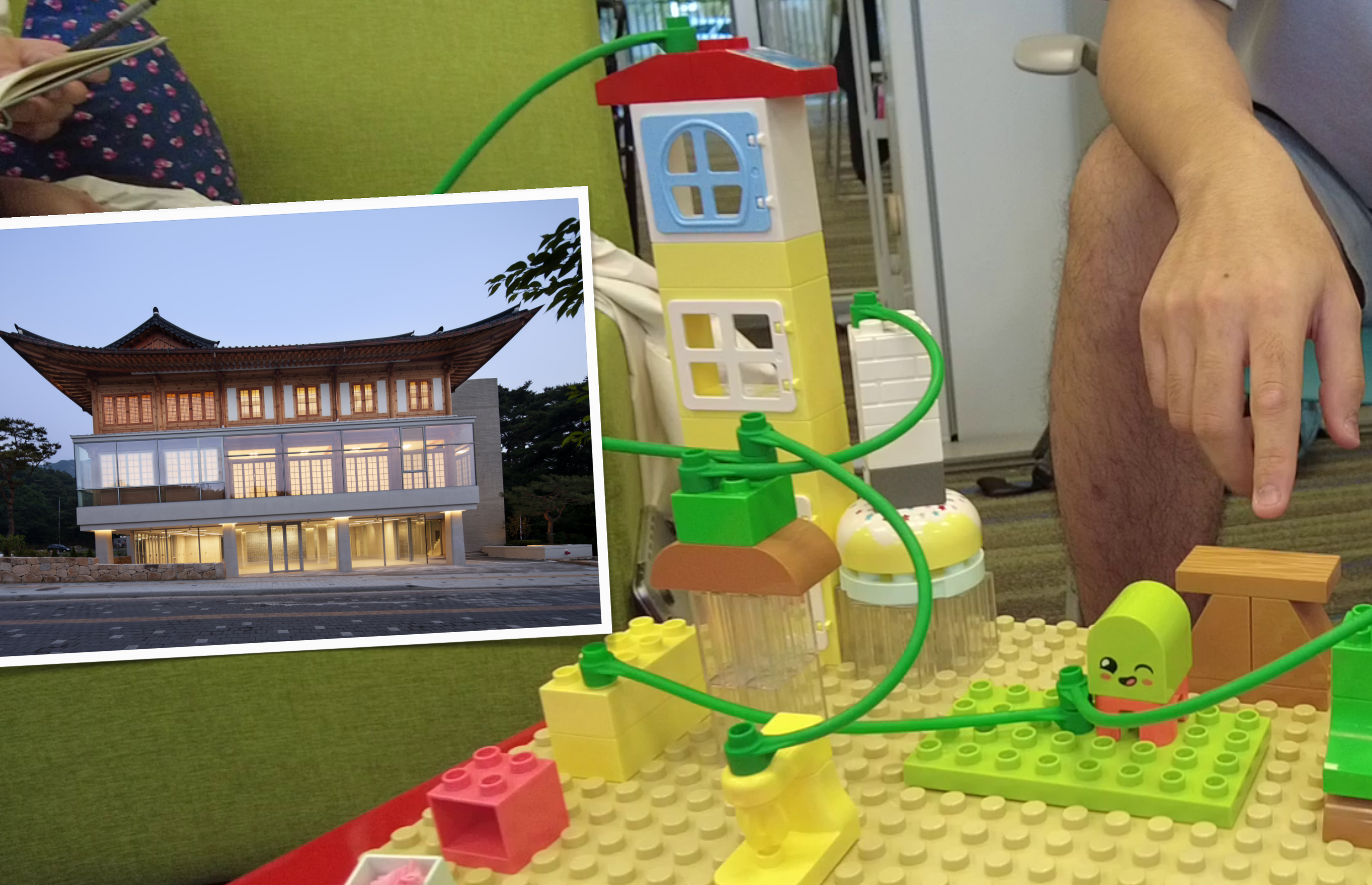
O ateliê passou, então, a propor diálogos não só entre culturas diferentes, mas entre mundos diferentes.



Os diálogos eram sempre acompanhados de um fazer-junto
que deixava rastros visuais.



Cada estudante foi encorajado, então, a apreciar os aspectos não modernos do seu mundo de origem.



Este estudante sul-coreano, por exemplo, mostrou a presença do estilo hanok em prédios modernos na Coreia.



Através da pesquisa de Hien Phan (2024), percebemos que as notícias locais sobre estes mundos eram bem racistas.



Tentamos entender como funcionava o racismo nos EUA utilizando o Racism Untaught Toolkit.



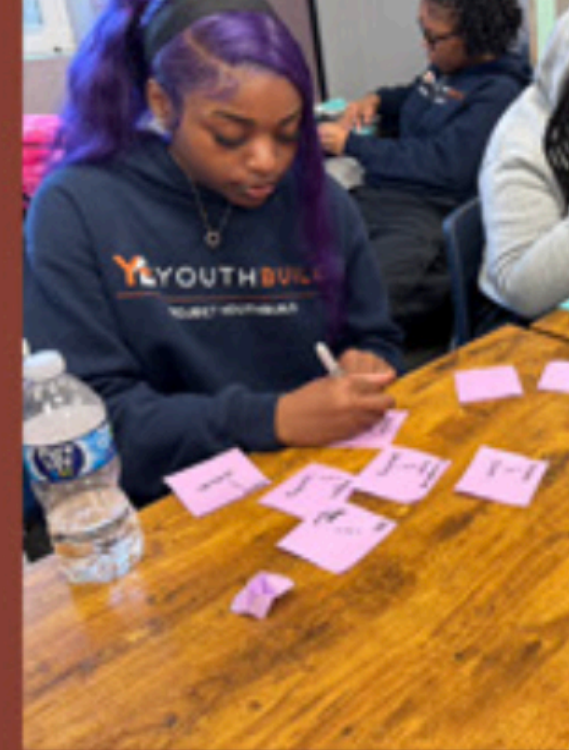
Gravamos nosso processo de design com o toolkit.



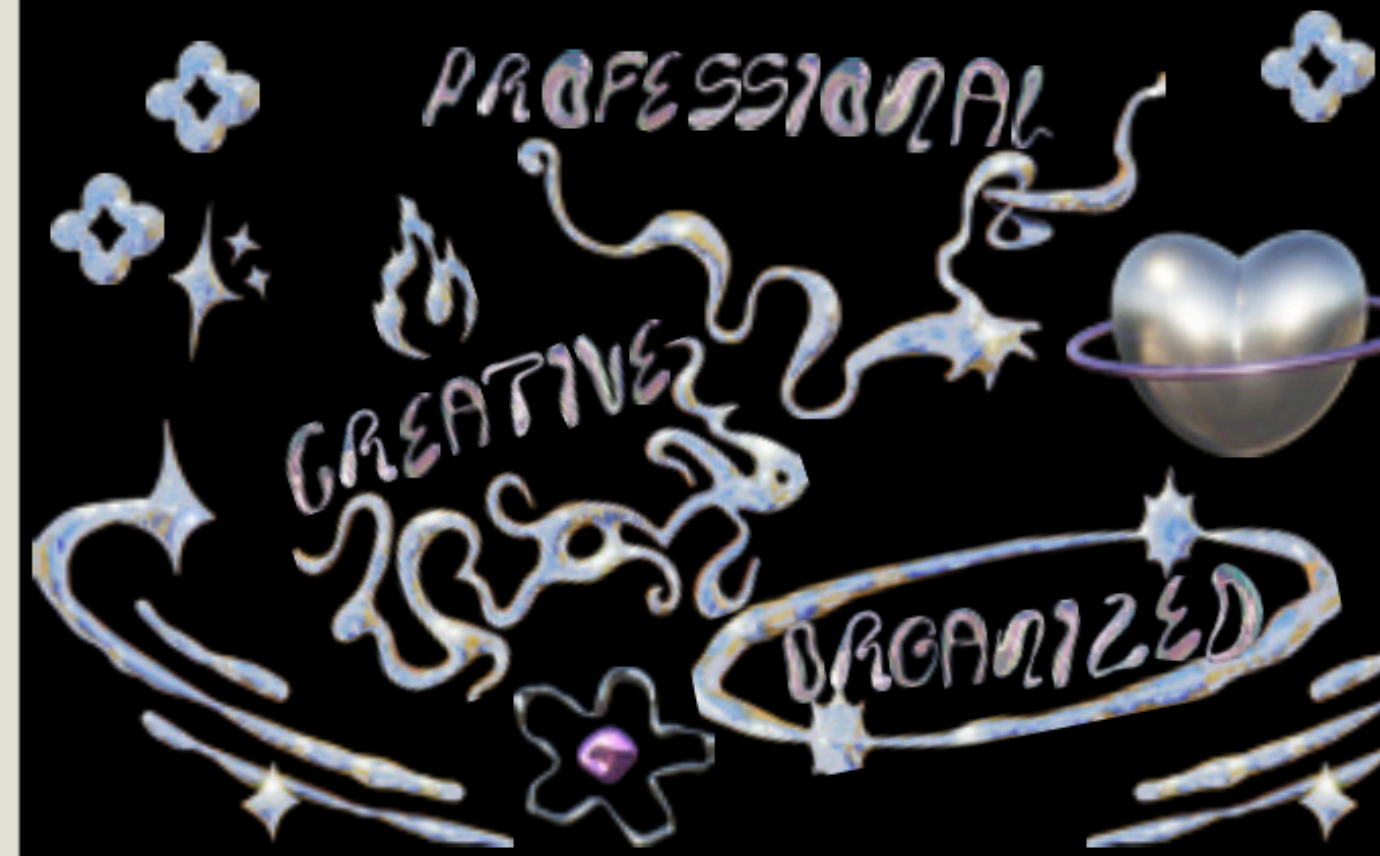
Ao observar criticamente estas gravações, descobrimos que fomos racistas mesmo tentando ser antirracistas.



A partir daí, passamos a usar a reflexão autocrítica para combater a colonialidade do fazer.



Depois de dominar o design pluriversal, os estudantes levaram isso para as comunidades locais (Narayan Ghiotti).



O design não moderno passou a ser encorajado pelos estudantes em vez de ser corrigido (Narayan Ghiotti).



Na perspectiva pluriversal, o design dos pretos não é só para pretos. É também um design para todos, universal.

...



Com a volta de Trump ao poder (2025), eu fugi dos EUA com medo de ser deportado tal como muitos brasileiros.



Minha luta contra a colonialidade do fazer continua aqui
nos projetos do LADO, UTFPR.

*Design pluriversal não é sobre
incluir o Outro na
modernidade, mas sim sobre
posicionar o Mesmo na
colonialidade.*

1) O que podemos fazer, a partir do nosso lugar de designers e usuários, para *preservar mundos* sob risco de extinção?

2) O que podemos fazer para *prospectar mundos* mais justos e sustentáveis?



Eventos ativos

Design pluriversal é uma das diversas abordagens cultivadas no **PPGDP da UTFPR**. Participe dos seus eventos!

Referências

ESCOBAR, Arturo. Designs for the pluriverse: Radical interdependence, autonomy, and the making of worlds. Duke University Press, 2018.

COSTANZA-CHOCK, Sasha. Design justice: Towards an intersectional feminist framework for design theory and practice. 2018.

VAN AMSTEL, F. M. C. (2023). Decolonizing design research. In: Rodgers, Paul A. and Yee, Joyce (Eds). The Routledge Companion to Design Research (pp. 64-74). Routledge.
<https://www.doi.org/10.4324/9781003182443-7>

NOEL, L.-A., Ruiz, A., van Amstel, F. M. C., Udoewa, V., Verma, N., Botchway, N. K., Lodaya, A., & Agrawal, S. (2023). Pluriversal Futures for Design Education. She Ji: The Journal of Design, Economics, and Innovation (Vol. 9, Issue 2, pp. 179–196). <https://doi.org/10.1016/j.sheji.2023.04.002>

PHAN, H. L. D., & van Amstel, F. M. C. (2025). The Contradiction of Institutional Diversity in the Design Student Body. Diseña, (27), Article.6. <https://doi.org/10.7764/disena.27.Article.6>

BOTTER, F., van Amstel, F. M. C., Mazzarotto Filho, M., and Guimarães, C. (2024) Prospective design: A structuralist design aesthetic founded on relational qualities, in Gray, C., Hekkert, P., Forlano, L., Ciuccarelli, P. (eds.), DRS2024: Boston, 23–28 June, Boston, USA. <https://doi.org/10.21606/drs.2024.883>

Obrigado!

Frederick van Amstel @usabilidoido
Laboratorio de Design contra Opressões (LADO)
Programa de Pós-Graduação em Design Prospectivo
UTFPR